



COMPLEXITAS REVISTA DE FILOSOFIA TEMÁTICA – ISSN: 2525-4154 –
Ed. 2022, V7, n 02

30

REFLEXÕES ACERCA DO ESTADO NACIONAL BURGUEÊS (BRASILEIRO) A PARTIR DE CLAUDIA VON BRAUNMÜHL

Reflections about the (brazilian) Bourgeois National State from Claudia von Braunmühl

Recebido: 18/05/2023 | Revisado: 22/06/2023 | Aceito: 24/06/2023 | Publicado: agosto/2023

Rafael Siqueira Monteiro
Mestre em filosofia pela Universidade Federal do Pará(UFPA)
Doutorando pela UFMG e professor da SEDUC/PA
Orcid: 0000-0002-2491-542X
E-mail: epistemephilo@gmail.com

RESUMO: A presente reflexão acerca do estado nação burguês (brasileiro) a partir de Claudia Von Braunmühl, buscou identificar, em grandes linhas, as ideias que compõem sua teoria sobre o “estado nação burguês” e relacioná-las ao Brasil. Nessa breve reflexão, constatou-se que, embora sua teoria seja importante para pensar o estado brasileiro, enquanto parte integrante do mercado mundial, ela precisa ser complementada com autores que o pensam a partir de suas especificidades históricas.

Palavras-chave: Braunmühl, mercado mundial, capital nacional, capital internacional, forma estado.

ABSTRACT: The present reflection about the bourgeois (Brazilian) nation state from Claudia Von Braunmühl, sought to identify, in broad terms, the ideas that make up his theory about the “bourgeois nation state” and relate them to Brazil. In this brief reflection, it was found that, although his theory is important to think about the Brazilian state, as an integral part of the world market, it needs to be complemented with authors who think about it from its historical specificities.

Keywords: Braunmühl, world market, national capital, international capital, state form.

Introdução

A contribuição de Braunmühl para o debate alemão da derivação do estado iniciado na década de 1970, na Alemanha, pode nos ajudar a refletir sobre o papel do estado burguês na sociedade capitalista. Para a autora, o estado não pode ser pensado somente em um plano interno, mas também enquanto parte integrante do mercado mundial, exercendo uma dupla função: protetor do capital nacional e interventor no mercado mundial.

Além de abordamos, em grandes linhas, seus argumentos sobre a relação estado burguês e mercado mundial, ao final, relacionaremos sua teoria ao estado brasileiro, sublinhando os pontos fortes nos quais podemos entrever o Brasil como parte integrante do mercado mundial, e também os limites de sua teoria para se pensar as especificidades históricas do Brasil que, embora nascesse inserido em uma economia internacional como colônia, raras vezes viu sua burguesia nacional fazer frente ao capital global.

Nessa perspectiva, a presente reflexão é composta por seis pontos que versam, respectivamente, sobre aspectos históricos acerca do debate da derivação do estado, a contribuição específica de Braunnühl para esse debate, a contradição entre capital nacional e internacional, colocando o estado burguês em um lugar estratégico, a compreensão do mercado e do capital como totalidades, a especificidade do estado nação burguês e, por fim, as contribuições e limites da teoria de Braunnühl para pensar o estado brasileiro.

O debate da derivação do estado

A cientista política e militante alemã Claudia Von Braunnühl participou, na década de 1970, do debate alemão acerca da derivação do estado. Esse debate visava seguir adiante as reflexões de Karl Marx acerca do capitalismo e do lugar ocupado pelo estado na economia burguesa. Posteriormente, em 1978, a Inglaterra¹ tomou parte no debate por meio do livro *State and capital*, organizado por Jonh Wolloway e Sol Picciotto. Em 2017, na Argentina, Alberto Bonnet e Adrián Piva organizaram a tradução desse livro para a língua espanhola, demonstrando, assim, a atualidade e a pertinência do tema para a contemporaneidade.

Em grandes linhas, o objetivo principal do debate da derivação foi de refletir sobre o papel do estado na sociedade capitalista. Grosso modo, poderíamos dizer que nesse debate uma linha interpretativa cultivada por alguns marxistas foi colocada de lado, qual seja, a interpretação de que o estado é dos capitalistas. Doravante, passa-se a conceber o estado como parte do sistema capitalista, não como um instrumento, mas como parte integrante desse sistema.

Nessa perspectiva, Braunnühl afirmou que o “estado nação burguês é, tanto histórica quanto conceitualmente, parte do modo de produção capitalista²” (Braunnühl, 1978, p. 173).

O vocábulo derivação advém do substantivo *Ableitung*, da língua alemã, o que não significa que haja uma simples determinação, sendo o Estado mero resultado da vontade da classe dominante, mas, sim, de um determinado modo de produção e das relações sociais que lhe são inerentes e diferenciadoras dos modos anteriores. Daí o estudo da especificidade do Estado no capitalismo (Osório, 2017, p. 25).

A teoria da derivação do estado é um esforço para compreender o que há de específico no estado burguês. Essa especificidade será denominada pelos teóricos que compõem esse debate marxista como forma estado. Evidentemente, ao contar com a participação de inúmeros intelectuais³ de esquerda, houve diversas respostas, das quais pode-se verificar pontos em comum⁴, mas também divergentes⁵, acerca da forma estado. Todavia, essa interpretação que demarca as convergências e as divergências poderia não ser a mais adequada para o debate da derivação do estado. Talvez seja melhor pensar em respostas complementares para um mesmo problema.

A contribuição de Braunnühl para o debate

Não visamos abarcar as contribuições de todos esses intelectuais que fazem parte do debate quer na Alemanha, quer na Inglaterra, quer em outras partes do mundo, mas concentrar-nos no pensamento de Claudia Vom Braunnühl. O diferencial de nossa autora no debate alemão acerca da derivação do estado

¹ Alberto Bonnet e Adrián Piva (2017, p.18) sinalizam que o debate da derivação do estado ocorridos na Alemanha e na Inglaterra se realizaram em contextos distintos. Enquanto na Alemanha a preocupação foi de questionar a ilusão dos trabalhadores acerca do estado de bem-estar social, na Inglaterra se indagava acerca do fracasso do estado para regular a crise econômica.

² “the bourgeois nation state is both historically and conceptually part of the capitalist mode of production” (Braunnühl, 1978, p.173).

³ Wolfgang Muller, Christel Neusüss, Elmar Altvater, Helmut Reichelt, Joachim Hirsch, Bernhard Blanke, Ulrich Jurgens, Hans Kastendiek, Heide Gerstenberger, Claudia von Braunnühl, John Holloway e Sol Picciotto.

⁴ Em nosso entendimento há dois elementos comuns a todos os teóricos da derivação: a convicção de que o estado é parte integrante do capitalismo e a utilização das categorias marxianas da fase madura de Marx para a compreensão da forma estado na sociedade capitalista.

⁵ A contribuição de Braunnühl para o debate da derivação poderia ser uma boa ilustração da divergência teórica, uma vez que a autora propõe um novo ponto de partida para se pensar o estado burguês, qual seja, o mercado mundial.

está na inserção do “mercado mundial” como o nível analítico no qual o Estado Burguês e a economia capitalista são pensados teoricamente.

Nesse sentido, Camilo Caldas (2017, p.192), na conclusão de sua tese de doutorado⁶ afirmou que Braunmühl faz parte dos teóricos da derivação “que destacavam a necessidade de compreender a formação dos Estados conjuntamente com o estudo do desenvolvimento do capitalismo em escala mundial”.

Do mesmo modo, John Holloway y Sol Picciotto (1978, p.29), na introdução do livro *Estado e capital*, afirmam que “Claudia Von Braunmühl destaca em sua contribuição a importância de relacionar o econômico e o político não apenas no contexto do Estado-nação, mas também em escala internacional⁷”.

Braunmühl propôs uma inversão analítica na interpretação do capitalismo e do capital. Inversão que mudou a maneira de compreender o mercado internacional e o papel do estado burguês em relação a ele. Isto é, o ponto de partida dos pensadores marxistas para analisar o movimento do capital era o estado ou o capital nacional. O mercado mundial, portanto, era compreendido como o conjunto de estados ou economias nacionais que concorriam entre si na esfera internacional. A autora alemã propõe um movimento inverso, qual seja, partir do mercado internacional, no qual estados e economias nacionais já estavam desde sempre inseridos e com funções específicas a desempenhar.

Nessa perspectiva, Braunmühl (1978, p.163) dirá que “o estado nacional como uma forma particular já não deveria ser tomado como o nível no qual se analisa o movimento do capital; este deveria ser, em troca, o mercado mundial como uma totalidade⁸”.

De modo semelhante, ao analisar estado nação burguês em si mesmo, Braunmühl afirma que é “teoricamente impossível considerar o desenvolvimento econômico nacional e as atividades (...) do estado nação como amplamente determinados de uma maneira interna. Isso coloca a pergunta acerca da relação entre economia nacional e mercado mundial⁹” (Braunmühl, 1978, p.161). Portanto, não é possível, na interpretação da autora, pensar o estado de forma isolada, mas somente atrelado e imerso ao mercado mundial.

A contradição entre capital nacional e internacional

Embora seu nível analítico seja o mercado mundial, Braunmühl não descreve o estado burguês como uma entidade passiva, à mercê dos ventos do mercado mundial, ao contrário, entende que o estado burguês possui uma função específica para a burguesia nacional e um papel importante a desempenhar no plano internacional, guardando, assim, sua devida autonomia.

Nesse sentido, a cientista política alemã colocou em evidência a contradição entre capital nacional e internacional no processo de acumulação do capital, no qual a forma estado possui um papel específico a desempenhar.

O sistema imperialista se caracteriza cada vez mais, particularmente em suas regiões metropolitanas, pela contradição entre a internacionalização e a nacionalização do processo de acumulação [do capital]. Esta contradição se manifesta atualmente na aparição de capitais que operam internacionalmente, como por exemplo as corporações multinacionais, e a constante intervenção do aparato de estado na reprodução dos capitais nacionais¹⁰ (Braunmühl, 1978, p. 160).

⁶ Sua tese de doutorado intitulada “Teoria da derivação do estado e do direito” é o estudo mais exaustivo sobre o tema da derivação no Brasil.

⁷ “Claudia von Braunmühl stresses in her contribution the importance of relating the economic and the political not just in the context of the nation state but on an international scale” (Wolloway e Picciotto, 1978, p.29).

⁸ “the nation state as a particular form should no longer be taken as the level on which the movement of capital is to be analysed; this should be the world market as a totality” (Braunmühl, 1978, p. 163).

⁹ “theoretically impossible to consider national economic development and the activities of national state apparatuses as being to a large extent internally determined. And this raises the question of the relation between the national economy and the world Market” (Braunmühl, 1978 p.161).

¹⁰ “The imperialist system, particularly in its metropolitan regions, is characterized to an increasing extent by the contradiction between internationalization and nationalization of the process of accumulation, a contradiction which manifests itself today in the appearance of internationally operating capitals, such as multinational corporations, and in the constant intervention of the state apparatus in the reproduction of the national capitals” (Braunmühl, 1978, p. 160).

Essa contradição entre capital nacional e capital internacional tem sua origem nos primórdios do modo de produção capitalista. Trata-se de que o capital nasceu do saque de riquezas em diversas localidades do mundo e, ao constituir-se em capital, isto é, valor que busca mais valor, torna-se essencialmente inclinado à internacionalidade, quer para a produção, quer para a circulação de mercadorias, quer na expressão de Marx citada por Braunmühl “a tendência a criar o mercado mundial está dada diretamente na ideia mesma de capital¹¹” (Braunmühl, 1978, p.163).

Para ilustrar essa posição, basta-nos evocar a colonização e o imperialismo como exigências de um sistema que não admite fronteiras e limites. Seu ímpeto internacional acabou por criar uma geografia que dividiu o mundo em países essencialmente produtores ou essencialmente fornecedores de matéria prima. Todos unidos nas mesmas teias, mas em condições distintas, nas quais uns exploram e outros são explorados.

Malgrado essa característica da internacionalidade, o capital está circunscrito em uma fronteira, o estado-nação burguês. Com a Inglaterra, por meio da Revolução Industrial, impulsionando os países europeus, que até então estavam imersos em um capitalismo mercantil, a aderirem plenamente o modo de produção capitalista em escala industrial, com o risco de estagnarem economicamente se não o fizessem, houve o fortalecimento de nações estados com sua burguesia e seu respectivo capital nacional.

Nesse contexto do fortalecimento dos estados nacionais, a burguesia nacional tratou de tomar posse do aparato estatal para seus respectivos interesses. Assim sendo, Camilo Caldas (2013, p.173) comenta que com o estado em mãos, a burguesia formulou normas jurídicas para proteger o capital nacional.

Observamos, então, a configuração que gerou a contradição capital nacional e capital internacional. Pois ao mesmo tempo em que o capital tem ânsia e necessidade de se expandir internacionalmente, a burguesia nacional, por meio do estado, protege o capital nacional e prepara as bases para sua acumulação.

Nesse sentido, Camilo Caldas faz um comentário esclarecedor acerca dessa contradição:

Como consequência, no nível internacional, duas situações passam a coexistir: de um lado, há o fortalecimento dos múltiplos centros econômicos – o Estado-nação – voltados a assegurar a acumulação do capital; de outro lado, há a internacionalização das condições de produção e de circulação da mercadoria e do capital, realizado por intermédio dos organismos internacionais e do direito internacional. Ocorre assim um movimento dentro de uma relação de contradição, pois a internacionalização se desenvolve de maneira concomitante e concorrente com a nacionalização das condições de acumulação do capital (Caldas, 2013 p. 173).

O mercado e o capital como totalidades

Ao tentar explicar essa contradição entre capital nacional e internacional e o papel desempenhado pelo estado nacional burguês nesse embate, o mercado mundial é concebido por Braunmühl como uma totalidade que abarca os estados burgueses e suas respectivas economias nacionais e os integra a si.

Nesse sentido, Braunmühl afirma que:

Um sistema internacional não é a soma de muitos estados; ao contrário, o sistema internacional está integrado por muitos estados nacionais. O mercado mundial não está constituído por muitas economias nacionais concentradas juntas, mas o mercado mundial está organizado na forma de muitas economias nacionais como seus componentes integrais. ‘A primazia metodológica da totalidade sobre os momentos singulares’ também deve ser mantida neste nível da argumentação¹² (Braunmühl, 1978, p.162).

¹¹ “The tendency to create the world market is directly given in the concept of capital itself” (Grundrisse, 1973 p. 408, apud Braunmühl, 1978, p.163).

¹² “An international system is not the sum of many states, but on the contrary the international system consists of many nation states. The world market is not constituted by many national economies concentrated together, rather the world market is organized in the form of many national economies as its integral components. ‘The methodological primacy of the totality over individual instances (Lukacs 1971, p. 9), must also be maintained at this level of the argument” (Braunmühl, 1978, p.162).

Ao trazer o mercado mundial como nível de análise para se pensar o estado burguês e o movimento do capital, ela inclui no debate da derivação o conceito de totalidade. Isto é, o mercado mundial como uma realidade totalizante no qual o estado nação burguês é parte integrante e constituinte, mas separado e autônomo.

Nesse sentido, Braumühl deixa claro que a forma estado só poderá ser analisada adequadamente se o nível analítico for o mercado mundial, assim sendo, ela se posiciona da seguinte maneira:

Se o movimento do capital e, com ele, o da lei do valor, deve ser objeto de análise conceitual em nível de mercado mundial, então a derivação e a determinação da forma do Estado burguês deve ser introduzida nesta dimensão ou, talvez, só possa ser alcançado neste nível. Tendo em conta que a esfera de mobilidade do capital e a lei do valor é o mercado mundial, e que a lei do valor, segundo as leis internas do capital, realiza progressivamente sua tendência para a eficácia mundial, a forma do Estado-nação burguês (a organização política de complexos de criação separados, a condensação política dos capitais nacionais) não pode derivar apenas da dimensão meramente interna de uma sociedade de classe produtora de mercadoria. Não se trata apenas da derivação do estado em geral, mas da derivação da organização política específica do mercado mundial em muitos estados ou, em outras palavras, para explicar a particularização do capital nos capitais nacionais, cada um com seus próprios órgãos políticos e suas próprias características¹³ (Braunmühl, 1978, p.165).

No excerto acima, não somente o mercado mundial surge como uma totalidade, mas o próprio capital. Ao menos é a impressão que temos ao lermos que o mercado mundial se organiza politicamente em estados nações ou o capital se particulariza em capitais nacionais. Isso fica mais claro quando Braunmühl observa a necessidade de “nos concentrar em especificar as condições sobre as quais o capital – cujo movimento é internacional por essência – particulariza-se em capitais nacionais e organiza-se politicamente em estados nacionais¹⁴” (Braunmühl, 1978, p.164).

A especificidade do estado nação burguês

Embora o mercado mundial e o capital sejam tratados como totalidades por Braunmühl, não podemos esquecer que há, segundo a autora alemã, uma contradição entre capital nacional e capital internacional mencionada anteriormente. Essas duas premissas, totalidade e contradição, serão como duas dimensões de uma mesma realidade.

Nesse sentido, Braumühl afirmou que:

Cada economia nacional só pode ser adequadamente compreendida como uma instância particular que gira em maior ou menor medida sobre sua configuração interna, mas, não obstante, é um elemento integral do mercado mundial; assim, o estado nacional e o estado burguês como fenômeno geral, só pode ser apropriadamente determinado nestas dimensões¹⁵ (Braunmühl, 1978, p.162).

Evidencia-se, nesse excerto, duas características do estado burguês. Uma, fruto de sua autonomia e configuração interna de estado; outra, oriunda da essência internacional do capital. Não podemos pensar o estado burguês somente de forma unilateral, pois essas características são como duas imagens da mesma

¹³ “If the movement of capital and with it of the law of value are to receive conceptual analysis at the world market level, then the derivation and determination of the form of the bourgeois state must be introduced on this dimension, or perhaps can only be accomplished at this level. In the light of the fact that the sphere of motion of capital and of the law of value is the world market and that the law of value, in accordance with the inner laws of capital, progressively realizes its tendency towards worldwide effectiveness, the form of the bourgeois nation state — the political organization of separate complexes of reproduction, the political condensation of national capitals — cannot be derived from the merely internal dimensions of a commodity producing class society alone. It is not just a question of the derivation of the state in general, but of the derivation of the specific political organization of the world market in many states, or, in other words, of explaining the particularization of capital in national capitals each with their own political organs and their own features” (Braunmühl, 1978, p. 165).

¹⁴ “attention should be turned to specifying the conditions under which capital — the movement of which is international in its very essence — is particularized into national capitals and their delimited political organization in the national state” (Braunmühl, 1978, p.164).

¹⁵ “Any national economy can only adequately be understood as a particular instance turning more or less upon its inner configuration, but which, nevertheless, is; an integral element of the world market; so, therefore, the nation state, and the bourgeois state as a general phenomenon, can only be properly determined in these dimensions” (Braunmühl, 1978, p. 162).

moeda. Diante disso, uma das conclusões que podemos tirar é a de que a contradição entre capital nacional e capital internacional é inerente ao capitalismo enquanto a economia nacional e o estado burguês são, ao mesmo tempo, realidades autônomas, mas integradas ao mercado mundial.

Braunmühl pensa o estado nacional burguês como a parte de um todo, que guarda sua autonomia, mas não pode ser pensado fora dessa totalidade do mercado mundial e do capital. Nessa perspectiva, Camilo Caldas (2013, p.173) dirá que “a autora procura, assim, incluir uma análise acerca do desenvolvimento da economia e do mercado mundial na elaboração de uma teoria do estado”.

Trata-se de que só se pode entender o estado burguês na tensão entre a parte e o todo. Isto é, compreender o capital como uma totalidade que se particulariza em capitais nacionais, mantendo, contudo, sua essência internacional; e a economia nacional como parte integrante do mercado mundial, mantendo, contudo, sua autonomia e seus próprios interesses nacionais.

Dessa tensão emerge a forma estado, isto é, a dupla especificidade do estado burguês na sociedade capitalista. Primeiro, um estado que protege a economia nacional dos ataques do capital internacional; segundo, um estado interventor no mercado mundial para benefício do capital nacional.

Por esse ângulo, é possível responder duas perguntas subentendidas no artigo¹⁶ de Braunmühl, escrito especialmente para o livro organizado para Jonh Wollway e Sol Picciotto, quais sejam, o que é e qual a função do estado nacional burguês no contexto do mercado mundial. Sobre a primeira pergunta, podemos afirmar três coisas: o estado é capitalista, o estado está ajustado para funcionar conforme os interesses capitalistas e o estado não é uma peça isolada, mas parte constituinte do mercado mundial. Sobre a segunda pergunta, podemos dizer duas coisas: o estado é protetor do capital nacional e o estado é interventor no âmbito internacional para benefício interno do capital nacional.

No que tange a ser protetor da economia nacional, podemos citar como exemplo o aumento de tarifas para produtos importados (na relação Estados Unidos-China). Quanto a ser interventor no mercado mundial, Braunmühl (1978, p.174) afirmou que “por meio dos aparatos nacionais, a burguesia fracionada organiza intervenções estatais das formas mais diversas nos movimentos de capitais no mercado mundial¹⁷”. Em outros termos, o estado nacional pode agir externamente no intuito de intervir de alguma forma no mercado internacional a fim de garantir um bom desempenho na luta entre capitais.

Em uma tentativa de atualizar¹⁸ essas ideias no contexto brasileiro, poderíamos seguir o raciocínio de Jessé Sousa, para quem a Lava Jato é uma intervenção estatal, americana, visando enfraquecer o desempenho de empresas brasileiras no mercado internacional e manter o Brasil na condição de subalterno no mercado mundial.

O Brasil deveria e deve subsistir, para os americanos, como quintal empobrecido e mercado interno colonizado. O pré-sal e a Petrobras eram a carta na manga do país para uma inserção internacional menos dependente. Com um esquema de espionagem com acesso a todos os e-mails e à comunicação virtual de todo o mundo, como ficou provado nos escândalos envolvendo aliados como Alemanha e a escuta da comunicação pessoal da primeira-ministra Angela Merkel, só bastava à CIA municiar os inimigos do PT para dar início à operação desmonte. Afinal, se existe uma coisa que não muda na América Latina é que os Estados Unidos estão por trás de todos os golpes de Estado (Souza, 2019, p. 237).

Contribuições e limites da teoria de Braunmühl para pensar o estado brasileiro

As análises de Braunmühl são uma importante contribuição para o entendimento da forma estado na sociedade burguesa, sobretudo para as regiões metropolitanas do capitalismo, como bem afirmou a autora em um excerto já citado anteriormente: “O sistema imperialista se caracteriza cada vez mais,

¹⁶ Referimo-nos ao artigo: On the Analysis of the Bourgeois Nation State within the World Market Context. An Attempt to Develop a Methodological and Theoretical Approach.

¹⁷ “Through the national state apparatuses the fractioned bourgeoisie organizes state interventions of the most diverse forms in the world market movements of capital” (Braunmühl, 1978, p.174).

¹⁸ Do mesmo modo, o embate em torno da tecnologia 5G poderia ser um exemplo de um confronto entre capitais nacionais.

particularmente em suas regiões metropolitanas, pela contradição entre a internacionalização e a nacionalização do processo de acumulação¹⁹” (Braunmühl, 1978, p. 160).

Ao enfatizar essa contradição, sua análise privilegia as regiões metropolitanas no sentido de que o embate entre capital nacional e internacional em países economicamente ricos é uma presença constante, o que não se pode dizer dos países economicamente pobres. Contudo, não queremos dizer que a autora alemã desconhecia a menor frequência dessa contradição nas regiões periféricas do capitalismo, muito ao contrário, isso parece estar bem claro para ela, como podemos observar na referida citação.

Nesse confronto entre capital nacional e internacional, emerge, segundo a autora alemã, a dupla função do estado burguês, a de ser protetor do capital nacional e de interventor no mercado mundial. Seria, então, possível pensar o estado brasileiro nessa perspectiva. A posição do Brasil na geografia do capitalismo como mero exportador de matéria prima e, portanto, de economia subalterna, causa uma primeira dificuldade de se ler o Brasil na perspectiva de Braunmühl.

Sem dúvida, é possível pensar o estado brasileiro como protetor do capital nacional enquanto suas instituições se alinham aos interesses econômicos da burguesia nacional. A burguesia mantém um controle significativo sobre todos os poderes da república, como pudemos observar na destituição de Dilma Rousseff ou na prisão de Luís Inácio Lula da Silva. É importante observar que, nos dois casos, ultrapassamos os limites do direito e entramos no espaço do não-direito, pois, quando necessário, a burguesia nacional passa por cima de toda e qualquer lei.

Em contrapartida, não é clara a intervenção do estado brasileiro no mercado mundial para o benefício do capital nacional e do próprio país, pois o aparato estatal e o próprio capital nacional nos parece ser subserviente ao capital internacional. Evidentemente, a burguesia nacional continua a obter lucros quando vai de encontro aos interesses nacionais, mas como coadjuvante, lucra bem menos que como protagonista, além de colocar em mãos estrangeiras as riquezas da nação.

Nessa perspectiva, a teoria Braunmühl nos parece ser insuficiente para pensar o estado brasileiro. Contudo, ser insuficiente não quer dizer que se deva excluí-la, mas que sua teoria precisa ser complementada por autores que pensem as particularidades históricas da economia e do estado no Brasil.

Nesse sentido, os estudos do intelectual marxista Caio Prado Júnior²⁰, poderiam oferecer importantes contribuições para complementar a teoria de Braunmühl. Prado Júnior lança ideias sobre o capitalismo no Brasil que se estreitam com as reflexões de Braunmühl, pois, para ele, a colonização brasileira fez parte do processo de acumulação e reprodução do capital mercantil. Em outras palavras, o Brasil nasceu no capitalismo com uma função específica, qual seja, como país fornecedor de matéria prima para o capitalismo mercantil.

No seu conjunto, e vista no plano mundial e internacional, a colonização dos trópicos toma o aspecto de uma vasta empresa comercial, mais complexa que a antiga feitoria, mas sempre com o mesmo caráter que ela, destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem em proveito do comércio europeu. É este o verdadeiro sentido da colonização tropical, de que o Brasil é uma das resultantes; e ele explicará os elementos fundamentais, tanto no social como no econômico, da formação e evolução histórica dos trópicos americanos (Prado Jr., 1970, p. 14).

Como podemos verificar, as teses de Braunmühl e de Prado Júnior possuem certas semelhanças, pois, para ele, a economia brasileira já nasceu em um contexto internacional do capitalismo mercantil e com uma função específica: exportador de matéria prima. Essa tese se harmoniza com a de Braunmühl, cujas economias nacionais já nasceram com uma função específica e como partes integrantes do mercado mundial.

¹⁹ “The imperialist system, particularly in its metropolitan regions, is characterized to an increasing extent by the contradiction between internationalization and nationalization of the process of accumulation” (Braunmühl, 1978, p. 160).

²⁰ Para Prado Júnior, o capitalismo brasileiro é periférico e colonizado. Tendo como característica uma economia voltada para o mercado externo em detrimento do mercado interno, a maximização do lucro tanto para empresários internos como para externos, e a exploração, aos níveis mais bárbaros, dos trabalhadores, tratados como coisas. Para o autor brasileiro, essa é marca de nascença do Brasil. Esse capitalismo mercantil deixou marcas profundas no país que não desapareceram nem mesmo com a independência que manteve a identidade econômica exportadora, a avidez por lucros e a violência contra os trabalhadores, e como esse problema nunca foi enfrentado pelo poder político, reproduz-se até os dias de hoje.

Também encontramos divergências entre os dois, pois Prado Júnior defende a tese de que o Brasil nunca teve, de fato, um mercado interno. Tal tese o distancia da autora alemã, haja vista que ela concebe a economia nacional como totalmente voltada para o mercado externo, impossibilitando toda e qualquer contradição entre capital nacional e internacional e uma eventual função do Estado nesse conflito.

Nesse sentido, a teoria de Braumühl também poderia complementar a teoria de Prado Júnior. Pois, de fato, temos uma burguesia nacional subserviente e uma economia colonizada, conforme afirma o autor brasileiro, mas também temos um capital nacional que, embora seja periférico, é um agente do confronto no mercado mundial. Para ilustrar essa afirmação, podemos citar as empresas brasileiras sabotadas pela Lava Jato que estavam ganhando espaço no mercado mundial e afirmando-se enquanto capital nacional.

Portanto, acreditamos que a análise de Braumühl sobre o estado nação burguês no contexto do mercado internacional lança luzes sobre o papel do estado no Brasil, mas necessita ser complementada com outras teses diretamente voltadas para a realidade brasileira. Nesse sentido, articular a tese de Braumühl às de Caio Prado Júnior, e tantos outros intelectuais brasileiros, poderia oferecer pressupostos teóricos que alimentariam a reflexão sobre a especificidade do estado brasileiro.

Conclusão

Nessa reflexão preliminar sobre o estado burguês (brasileiro) a partir de Claudia Vom Braumühl, buscamos identificar, em grandes linhas, as ideias que compõem sua teoria sobre o “estado nação burguês” em sua relação com o mercado mundial e relacioná-las ao Brasil. Constatou-se que, embora sua teoria seja um importante instrumento de análise para se pensar o estado brasileiro, enquanto parte integrante do mercado mundial, ela precisa ser complementada com autores que pensam o estado brasileiro ou a formação econômica do Brasil a partir de suas especificidades históricas.

Dado que, ao mesmo tempo que nascemos em uma economia internacional, exercendo um papel de colônia e exportador de matéria-prima, carregamos a herança colonial e escravocrata que engloba a maior parte de nossa história. Qualquer leitura do Brasil ou especificamente do estado brasileiro não pode negligenciar esse passado. Nesse sentido, trouxemos para a discussão o pensador brasileiro Prado Júnior para quem a economia do Brasil é colonizada e periférica, o que explica muitas questões acerca de nossa burguesia vira-lata.

Do mesmo modo, poderíamos trazer para o debate outros intelectuais brasileiros, como Jessé Sousa, que pensa o Brasil a partir da matriz escravocrata que permeia as relações sociais e marca a identidade da burguesia nacional, com seu desprezo para com o povo. Nesse contexto, há medidas tomadas pelo Estado, controlado por essa burguesia, que só podem ser explicáveis se levarmos em conta não somente seu desprezo, mas também seu ódio contra as classes trabalhadoras.

Referências

BONNET, Alberto e PIVA, Adrián. (org). *Estado y Capital. El debate Aléman sobre la derivación del estado*. Buenos Aires: Herramienta Ediciones, 2017.

BRAUNMÜHL, Claudia von. El análisis del estado nacional burgués en el contexto del mercado mundial. Un intento por desarrollar una aproximación metodológica y teórica. In: *Estado y Capital. El debate Aléman sobre la derivación del estado*. Buenos Aires: Herramienta Ediciones, 2017.

BRAUNMÜHL, Claudia von. On the Analysis of the Bourgeois Nation State within the World Market Context. An Attempt to Develop a Methodological and Theoretical Approach. In: *State and capital. A marxist debate*. London: Edward Arnold, 1978.

CALDAS, Camilo Onoda Luiz. *A teoria da derivação do estado e do direito*. 2013. 214 f. Tese (Doutorado em Filosofia e Teoria Geral do Direito) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.



HOLLOWAY, John e PICCIOTTO, Sol. (org). *State and capital. A marxist debate*. London: Edward Arnold, 1978.

OSÓRIO, Luiz Felipe Brandão. *Mercado mundial e imperialismo na perspectiva de Claudia Von Braunmühl*. Maio de 2018 [online]. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/15222/13208>. (Acessado em 15 de junho de 2022).

PRADO JR. Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.